

A dimensão mística da Liturgia no horizonte da metafísica zubiriana

The mystical dimension of the Liturgy on the horizon of Zubirian metaphysics

Jucilei Lima da Silva*

Resumo: O objetivo deste trabalho é descrever uma dimensão da liturgia, que dissemos mística e como o humano em sua constitutividade experiencia tal dimensão. E, como implicações, procura descrever numa linguagem mística teológica os desdobramentos na vida diária do cristão que podem e devem ocorrer ao experienciar tão grande realidade, tudo isso à luz da metafísica do filósofo espanhol Xavier Zubiri. Para tal tarefa será utilizado o método de natureza exploratória, que possibilita uma aproximação tanto do entendimento de liturgia como do pensamento de Zubiri. Isso leva a constatar que, graças ao caráter humano de inteligência senciente, ela pode atualizar formalmente a coisa real como realidade na intelecção. A coisa fica atual, é um estar, e porque *está* o humano dá-se-conta dela. A coisa está formalmente como realidade na inteligência senciente, que sente tal realidade.

Palavras-chave: Realidade; Deus; Humano; Liturgia; Mística.

Abstract: The aim of this paper is to describe a dimension of the liturgy, which we have called mystical, and how the human being in its constitutively experiences this dimension. And, as implications, it seeks to describe in mystical-theological language the unfolding in the daily life of the Christian that can and should occur when experiencing such a great reality, all in the light of the metaphysics of the Spanish philosopher Xavier Zubiri. For this task, the exploratory method will be used, which allows an approximation of both the understanding of liturgy and Zubiri's thought. This leads to the conclusion that, thanks to the human character of sentient intelligence, it can formally actualize the real thing as reality in intellection. The thing becomes actual, it is a being, and because *it is*, the human becomes aware of it. The thing is formally real in sentient intelligence, which senses this reality.

Keywords: Reality; God; Human; Liturgy; Mysticism.

* Jucilei Lima da Silva possui Licenciatura em Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí (FAERP), (2016-2019). Possui graduação em Teologia pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí - ICESPI (2013-2016). Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Liturgia e Música. Participou de vários cursos de curto e longo prazo (3 etapas de 1 mês intensivo por ano), conferências e congressos nacionais e internacionais, e de colóquios com comunicação e publicação em anais. Publicou um capítulo do Livro: I Colóquio Filosófico-Teológico Xavier Zubiri: Interfaces - ANAIS 2021, ISBN 978-85-60453-58-0, p. 115-121. Publicou artigo na Revista APG-PUC-SP, *A transcendentalidade da essência da Liturgia na metafísica zubiriana*. Possui Mestrado em Teologia Cristã, com ênfase na Liturgia em interface com a filosofia de Xavier Zubiri, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) 2021-2023.

E-mail: jucileisilva21@hotmail.com

Introdução

Este tema nasce de uma inquietação pessoal acerca da grandiosa realidade misteriosamente sentida nas celebrações litúrgicas e que ultrapassa a mera racionalidade. A grande questão situa-se em por que muitos de nós que acabamos de sentir tão grande mistério como algo real em nós, saímos como se nada tivesse acontecido, dando absoluto contratestemunho do que acabamos de celebrar? É negligência diante da dimensão do mistério celebrado? Ao longo da pesquisa pude perceber a necessidade de responder a questão: há realmente uma dimensão mística da liturgia? Se sim, em que consiste? E a questão principal a responder neste trabalho é: como o humano em sua constitutividade experiencia tal dimensão? E ao experienciar, quais efeitos pode ter em sua vida, em seus atos diários? Poderíamos discutir mais coisas frente a estas inquietações mas, por hora, se faz urgente descrever sobre estas questões específicas.

Para tais descrições temos constatado que a ciência teológica, em muito, nas suas tentativas de justificações da fé revelada, busca elementos filosóficos, culturais, antropológicos que possa ajudá-la em tal tarefa. E justificar a liturgia como uma ciência teológica exige-se uma fundamentação com uma linguagem rigorosamente suficiente, partindo do mais radical no processo do conhecimento. Essa linguagem temos encontrado no horizonte da metafísica do filósofo espanhol, Xavier Zubiri. Fazendo uso de sua metafísica e de seus precisos termos na descrição minuciosa de uma constatação do conhecimento humano, buscaremos entender as questões propostas, pois o objetivo não é dar uma definição ou resposta, mas entender a problemática ao longo dos estudos. Acreditamos firmemente, que dentre as possibilidades, este filósofo nos oferece bases sólidas para construção da ciência litúrgica, aqui, em sua dimensão mística. Por isso, para nós, o grande achado em sua filosofia, para entender nossa principal questão é a constatação da *Inteligência Senciente*.

1 Horizonte da metafísica zubiriana

A metafísica zubiriana é absolutamente inovadora. Basta uma leitura atenta dos seus escritos para perceber que é uma metafísica mundanal, isto é, parte da coisa real. Bem distinto do que se tinha pensado da metafísica na sua definição clássica, entendida como *para além da*

física, sendo que *física* aqui era entendido como material. *Físico* para Zubiri é tudo aquilo que é real e não artificial (ZUBIRI, 1985, p. 11). Esta compreensão metafísica justifica com precisão o entendimento que o filósofo basco foi tendo de *realidade*¹, termo tão caro para ele e que dirigiu toda construção do seu pensamento. A realidade é metafísica. Mas não só isso, a realidade é a ultimidade, é o mais radical, mais fundo das coisas. E o humano, pela constitutividade é capaz de alcançar a realidade, pois ele é constituído de sentido e inteligência. Mesmo com essa conjunção “e” aqui entre sentir e intuir não significa que eles se dão separadamente no humano. Esse foi o grande erro da filosofia concipiente, segundo o filósofo. Sentir e intuir se dão unitariamente, é o que Zubiri chama de *Inteligência senciente*. É graças a esse caráter humano que ele é capaz da realidade, porque ele sente não só de maneira estimulante, próprio dos animais, mas *sente a realidade* em seu caráter *de seu*. (ZUBIRI, 2011).

Ora, o humano é capaz da realidade das coisas, ou seja, daquilo que é mais fundo e radical nelas, por isso é *nelas* que ele alcança aquela realidade fundamento. As realidades podem não ter nada a ver umas com as outras cosmicamente, mas certamente coincidem em *serem reais*. E isto não é só coincidência, antes, é efeito de uma só realidade fundamento, isto é, uma realidade absolutamente absoluta que fundamenta toda realidade e que nomeamos de Deus. (ZUBIRI, 2017).

Dito isto podemos discutir melhor o entorno do nosso problema: há uma dimensão mística da liturgia? Em que consiste esta dimensão mística da liturgia? Tem algo a ver com a realidade fundamento (Deus)? E o decisivo é: como o humano tem acesso a essa dimensão mística da liturgia? Em nosso modo de ver, uma das possibilidades de respostas rigorosamente suficientes para estas questões será possível no horizonte da metafísica zubiriana, do acesso à *Realidade* pela *Inteligência Senciente*, e não pela *inteligência concipiente*, isto é, pelos seus conceitos. Esses são os próximos passos que precisamos dar no caminho do entendimento de nossa problemática.

2 Dimensão mística da Liturgia

¹ Um dos três principais temas que instigava Zubiri desde sua juventude no bacharelado: Inteligência, Realidade, Deus (GONÇALVES, 1997, p. 317).

Quando falamos em dimensão estamos usando a partir da sua raiz latina de “*dis* = movimento para fora”, e “*metiri* = medir”, é *medir um movimento para fora*. Que significa isto? Toda realidade é dinâmica e por isso a medida dela em um momento pode não ser a mesma do outro. Neste sentido entendemos a mística em suas mais diversas dinamicidades, de um movimento que se dá dentro e ao mesmo tempo fora, mas unitariamente; ao mesmo tempo que o movimento do poder do real cobra, como um grito no interior humano (vida), isto é, no mais radical de sua realidade, em seu caráter *de seu*, o humano se encontra em respectividade às coisas fora, que revela transcendentemente, em seu real sendo, a Realidade Fundamento. E ao se identificar ali o humano entra em um gozo sencientemente intelectual por ter *tocado* a profundidade de sua realidade repousada na Realidade Absolutamente Absoluta pela religação.²

Nesta perspectiva o ato celebrativo da igreja, a liturgia, nos coloca diretamente dentro dessa dinamicidade, ou seja, alguns atos nos fazem deparar consigo mesmo e ao mesmo tempo em respectividade com as outras coisas (outras coisas são: outras pessoas – caráter comunitário; e outras coisas – o que convencionalmente chamamos de símbolos litúrgicos), e nestas coisas está presente transcendentemente a Realidade Fundamento, Deus. Nele nos encontramos repousados/fundados e aí acontece o gozo sencientemente intelectual de toda nossa realidade (com, em, de). Afinal das contas “nele vivemos, nos movemos, e existimos [...] Porque somos também de sua raça.” (At 17, 28).

2.1 Que se entende por mística

Originalmente, empregada como adjetivo, esta palavra foi usada no sentido de segredo, entendida tanto como conhecimento reservado a alguns, e também, de iniciação cultual onde os ritos não deviam ser revelados a estranhos. O notório é que ambos os sentidos estavam sempre relacionados com o religioso, no sentido de que só o divino possuía o conhecimento secreto e total de todo o fato, ou seja, por detrás daquilo que se *via* estava sempre o que não *via*, que era a ação secreta do divino. Em certo momento, ainda, ela foi empregada referente ao profano. E tomada como substantivo, referindo-se ao místico, tanto para falar do religioso que tinha ou teve um contato direto com o divino, como de modo pejorativo referindo-se a um sonhador,

² Estas terminologias zubirianas já foram supracitadas nas primeiras páginas desta obra. Por esta razão não vemos mais a necessidade de descrevermos aqui sobre elas.

fantasioso, fora da realidade concreta. Mas é importante notar que no uso corrente foi mantida a relação com seu significado primitivo, isto é, que ultrapassa as dimensões da razão, onde envolve conhecimento, mas também emoção, sentimento.³

Hoje, no cristianismo, se olharmos um pouco a história das interpretações das práticas, ditas místicas, perceberemos que elas já passaram de modelo fundamental a seguir à uma visão negativa onde quase desapareceu, até mesmo dos discursos teológicos. Modelo de vida porque estava ligada diretamente a uma vida prática, tanto individualmente como comunitariamente, em respectividade com o Mistério Pascal, principalmente nas celebrações do Batismo e da Eucaristia, e da vida ascética-reflexiva. E na visão negativa veio com o protestantismo radical. Para demonstrar, Harnarck (1961, p. 271, nº 3, *apud* McGINN, 2012, p. 385) diz que: “A mística como regra geral é racionalismo elaborado de modo fantástico, e o racionalismo é mística nebulosa”, e em um tom crítico, o mesmo, ainda dizia: “um místico que não se torna um católico é um diletante”. Isso nos mostra a amplitude que tomou o uso do termo mística, e as consequências são nítidas, tanto para quem a vê como modelo de vida como para quem a vê como um exercício da fantasia imaginativa humana.

O problema da mística, a nosso modo de ver, enquanto tal é um problema teologal. Isso significa que o humano ao analisar sua realidade percebe que para ser real carece de um fundamento que o faz ser real, ele e as outras coisas. Então ver sua realidade direcionada à realidade que o fundamenta e a reconhece como realidade divina, é a *relição*. Aqui está o problema humano, sua realidade está religada à ultimidade; a ultimidade é a Realidade Fundamento, Deus. A realidade humana está direcionada à realidade divina pela “relição primária e fundamental” da sua realidade (ZUBIRI, 2010, p. 61). Pois na criação, “ao mesmo tempo que produz as coisas diferentes de Deus, mantém-nas em unidade [...] com Ele mediante a efusão”. É “um *unum* projetado *ad extra*; de modo que o [real] só adquire sua [realidade] pela unidade primária”. É o vínculo (ontológico) da realidade humana: *relição*. Por essa *relição* o humano sente “uma atração ascensional para Deus” (ZUBIRI, 2010, p. 483; essas três últimas citações confere-se aqui), isto é, para aquela Realidade que deu sua realidade relativamente absoluta; é o pulsar de Deus no homem. Aqui se localiza a inquietude, o poder do real, pelo

³ Referente às informações, pode-se consultar em: SUTTER, 2012, p. 1653-1658; GENIO, 2003, p. 706-714; LONGCHAMP, 2004, p. 1161-1169; SPIDLÍK, 2002, p. 946-947.

qual o humano está religado, palpita no humano para que esse faça seu Eu relativamente absoluto, força-o a fazer sua pessoa.

Consideramos que a mística consiste da seguinte forma: “o homem não se encontra com seu fundamento como ‘com’ uma coisa, mas se encontra ‘em’ seu fundamento [...]. Desse modo o homem não vai ‘para’ Deus, como se fosse algo exterior a ele, mas está em Deus” (CESCON, 2007, p. 114). Neste sentido Deus não é uma coisa a mais dentre tantas outras que o humano precisa lidar. Ele ocupa um lugar singular sendo fundamento da realidade humana. “A inteligência ‘senciente’ permite ao homem situar-se frente à realidade, [...], frente a si mesmo. O homem sente e ‘se’ sente: ‘sente-se na realidade’” (CESCON, 2007, p. 113). O homem dá-se conta de sua realidade e percebe que em sua realidade já está a Realidade Absolutamente Absoluta. “A coisa não está presente porque eu me dou conta, mas eu me dou conta porque ela já está presente” (ZUBIRI, 2011, p. 5). Em nosso ponto de vista eis aí o fundamento de toda mística, é o dar-se conta humano da realidade de Deus que já está presente. Daí em diante acontece os desdobramentos, é ulterioridade.

2.2 Que se entende por Liturgia

Ao longo da história este vocábulo recebeu significados diversos, e mesmo que semelhantes há sutilezas (ou não meras sutilezas) que podem conduzir para diversas interpretações e significações nos mais diversos contextos. O que se sabe é que decorre do grego clássico. *Leitourgia* (verbo: *leitourgein*; substantivo de persona: *leitourgos*) deriva da composição de *laos* – jônico e ático *leos* – (= povo) e de *ergon* (= obra). Traduzido literalmente, *leitourgia* significa, portanto, “serviço feito ao povo” ou “serviço prestado diretamente para o bem comum”⁴ (AUGÉ, 1995, p. 13, grifos do autor).

Beckhäuser (2004, p. 26) diz que no mundo grego clássico esse vocábulo foi usado particularmente em dois sentidos: no campo político, como organização de jogos, de guerras, de teatro, e no sentido religioso, como prestação de culto às divindades por sacerdotes ou

⁴“La palabra griega *leitourgia* (verbo: *leitourgein*; substantivo de persona: *leitourgos*) deriva de la composición de *laos* -jónico y ático *leos* – (=pueblo) y de *ergon* (=obra). Traducido literalmente, *leitourgia* significa, por tanto, ‘servicio hecho al pueblo’ o ‘servicio directamente prestado para el bien común’”.

grupo(s) de pessoas em favor do povo. Isso era notoriamente entre os helênicos. Já no Egito, mais tarde, era usada para qualquer prestação de serviço público.

Esclarecido está que o vocábulo é referente a ação do povo, para o povo; podendo ser realizado por um indivíduo ou grupo(s) de pessoas que faz alguma ação em função pública, em benefício comum. Essas ações podem ser ordinariamente ou extraordinárias. Mas é importante frisar que o beneficiário destas ações era o povo, o público.

A utilização do termo liturgia nos diversos campos, permite-nos constatar que sua etimologia cabe tais: jurídicas, estéticas, teológicas. No entanto, é possível distinguir o verdadeiro sentido em cada uma das definições. Diríamos que enquanto as duas primeiras definições citadas abordam *um* caráter da liturgia, como o rito e as normas, a última, definição religiosa, vai além, mais especificamente a cristã, pois o diferencial é o evento Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus. A *Sacrosanctum Concilium* (nº 7) não deu definição de liturgia, mas entendeu-a “como o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significada e, de modo peculiar a cada sinal, realizada a santificação do homem; e é exercido o culto público integral pelo Corpo Místico de Cristo, Cabeça e membros.” E prossegue afirmando que “Disto se segue que toda a celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote, e de Seu Corpo que é a igreja, é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia, no mesmo título e grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja.”

Os elementos etimológicos do termo liturgia são rigorosamente considerados pela teologia cristã. Mas como o mistério de Jesus Cristo há sempre algo mais, há sempre o que aprofundar, e o termo alcança uma dimensão muito além da sua etimologia. Isso porque em toda sua vida aconteceu a Redenção humana e a perfeita glorificação de Deus, “principalmente pelo mistério pascal de Sua sagrada Paixão, Ressurreição dos mortos e gloriosa Ascensão” (SC, nº 5). Ele realizou em favor de todos, e pediu a todos que fizessem isso em sua memória. Não mais um indivíduo ou um grupo de ministros sagrados que realizam, mas Deus mesmo está envolvido no serviço prestado. Seu caráter público envolve toda a comunidade eclesial convocada pela Palavra de Deus e, Cristo é essa Palavra Encarnada; aquele que chama a comunidade eclesial, e ela, harmonicamente, formam um único Corpo Místico e celebra. Celebra o que? Celebra o Mistério Pascal! Assim se entende a liturgia cristã. Repitamos, não é mera ritualidade nem esteticismo, abrange tudo isso, mas é mais que isso. É exercício vivencial, vida em ação, membros vivos e ativos que respondem aos comandos da Cabeça.

2.3 Há uma dimensão mística da liturgia?

No cristianismo, herdeiro em boa parte do judaísmo e helenismo, buscou-se fundamentar sua crença no Deus único e verdadeiro que ao mesmo tempo se revela, mas sua totalidade nunca é alcançada pelo humano, neste sentido é tão próximo e tão distante. Nesta fé, Deus é aquele que caminha com seu povo, guia-o e faz conquistar espaços, físicos e espirituais, fascinantes e impossível ao humano em sua solitude. Este Deus é o mesmo criador de todas as coisas, por isso engloba todos os mistérios, o mistério da vida e da morte, da natureza, e faz o bem vencer e reinar sobre o mal, isto é, sobre tudo aquilo que escraviza o humano.

Com efeito este Deus se revela, revela-se como Trindade. O Pai, que pelo Filho encarnado, morto e ressuscitado e que continua vivendo em nosso meio e em nós na presença do Espírito Santo; e este mesmo Espírito Santo, por meio do Filho faz tudo voltar ao Pai. Deste mistério participa o humano levado pelo Espírito Santo no Filho ao Pai. Nesta volta ao Pai por meio dessa dinâmica do mistério trinitário, o humano se depara com sua completude, pois o humano participa da vida de Deus. O humano toma parte misticamente, por querência divina, desse mistério trinitário (CARUANA, 2003, p. 646). Não é demais dizer que só conhecemos esse caráter trinitário de Deus pela revelação; seria muita pretensão dizer que a razão por si só alcançaria esse caráter interno da Divindade. E essa revelação está contida nas Escrituras⁵ e na continuidade da História da Salvação no hoje da história (Liturgia como hoje da História da Salvação).

Então dissemos por pronto que a nítida participação da vida de Deus por meio de uma particular experiência do Mistério Pascal de Cristo, levado pelo Espírito Santo em ato na celebração litúrgica caracteriza a dimensão mística da liturgia. Para tal experiência requer da pessoa humana o uso de seus caracteres primários para qualquer vivência, sua inteligência senciente. Por ela possibilita a atualização de um Mistério que historicamente já aconteceu, mas que misticamente, enquanto mistério, continua sendo atualizado hoje em cada pessoa por uma

⁵ Na nota “e” de 1 Jo 5, 7 contida na Bíblia de Jerusalém, diz o seguinte: “O texto dos vv. 7-8 é acrescido na Vulg. de um inciso (aqui abaixo entre parênteses) ausente dos antigos mss gregos, das antigas versões e dos melhores mss da Vul., o qual parece ser uma glosa marginal introduzida posteriormente no texto: ‘Porque há três que testemunham (no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo, e estes três são um só; e há três que testemunham na terra): o Espírito, a água e o sangue, e esses três são um só.’”

ação dinâmica do Espírito, que com o dom da sabedoria e do entendimento, ilumina a vida de cada um para ir fazendo seu Eu relativamente absoluto ancorado na Realidade Fundamento, Deus.

Por isso é um risco para a vivência de tal mistério separar sentir e entender. Ancorar a experiência mística em apenas um desses aspectos do conhecimento humano, não só empobrece o entendimento, podendo conduzir a conclusões um tanto que distante da verdade real de Deus, pois a realidade só é atualizada graças a este aspecto humano da inteligência senciente. Por ela, a pessoa entende que vive uma vida fundamentada na vida de Deus, que pela sua dinamicidade dá de si de tal modo que permite que este participe de Sua dinamicidade, sendo dinâmico, também. Por ser fruto da realidade de Deus e participar de Seu dar de si absolutamente absoluto, a pessoa humana é realidade dinâmica, também, e é dinâmica porque dá de si relativamente absoluto, e dá de si em respectividade consigo, com os outros e com as coisas até quando não tiver mais a si mesmo para se dá, dá-se aos outros. É o que veremos na parte que segue: os desdobramentos a partir da experiência da dimensão mística da liturgia no humano.

3 Dimensão mística da Liturgia e inteligência senciente: implicações para a Vicência prática

Fomos entendendo que a dimensão mística da liturgia caracteriza pela presença de Cristo em cada ato celebrativo⁶. Pois mística consiste no dar-se conta da presença de Deus que já está, e liturgia como o exercício humano do múnus sacerdotal de Cristo mediante sinais sensíveis pela ação do Espírito Santo, no qual ele (o humano) é santificado. A presença de Deus e o ato humano de apreender primordialmente esta realidade fundamento que fica atualizada na inteligência senciente, isto consiste a dimensão mística da liturgia.

Já dissemos páginas acima em que consiste essa presença de Cristo no ato celebrativo pelo dá de si dinâmico da Trindade e como o humano participa dessa mesma dinâmica trinitária. Cabe-nos agora formalizar o estudo de que a presença real de Cristo na liturgia (mística) se dá congênera com o ato humano de celebrar (liturgia). Pois aquilo que o humano sente é realmente

⁶ Presente misteriosamente para o humano que celebra. Certamente Cristo está todo presente, e com todo seu mistério, mas está misteriosamente para o humano. Então está presente misticamente para o humano que celebra; nisso envolve a inteligência senciente.

Cristo, e só é possível ser assim pela via da inteligência senciente; caso contrário seria uma ideia da presença de Cristo, ou um conceito logicamente elaborado. O real de Cristo é impresso como realidade (impressão de realidade) na inteligência humana; e ao imprimir a realidade ela *fica* atualizada como real, desde si mesma, na intelecção humana, e *afeta-o* de tal maneira que ele é levado a colocar-se em *marcha* nos desdobramentos ulteriores; e quando o humano é possuído por essa realidade ele busca entendê-lo ou conhecê-lo.

A atualização se dá de diferentes modos, o mais radical e primário, segundo Zubiri (2011, p. lv) é o que ele chama de apreensão primordial do real. E “os modos segundo os quais o real é atualizado não somente em e por si mesmo, mas também entre outras coisas e no mundo” (2011, p. lv). São os desdobramentos daquela primária atualização, é o logos e razão: “conhecimento não é senão uma culminação de logos e razão” (2011, p. lv).

Nossa proposta de pesquisa enfatiza o primário no processo do conhecimento: a apreensão primordial da realidade. Como o método zubiriano para chegar a Deus não consiste nas vias do conceito, da antropologia nem cosmológicas, mas sim pela via da religação, propomo-nos aqui seguir esse método para chegar à realidade de Deus na pessoa do Filho presente na liturgia. Este método parte do homem, pois o filósofo basco qualifica-o de “o problema teologal do homem”⁷ (ZUBIRI, 2017, p. 3). Já fica assim indicado “que se trata de um movimento dentro de uma análise da realidade humana enquanto tal, em vista ao problema de Deus”⁸ na pessoa do Filho. (ZUBIRI, 2017, p. 5). Esta constatação, segundo o mesmo autor, de um fato e não mera teoria, significa que a dimensão teologal é constitutiva do humano em seu problematismo. Que problematismo? O de realizar-se como pessoa, pois pela religação ao poder do real o humano é cobrado a fazer seu Eu, e isto é uma cobrança problemática, como já assinalamos páginas acima.

Seguir esse método zubiriano permite-nos tratar da dimensão mística da liturgia partindo da religação ao fundamento de sua realidade, experienciado pela inteligência senciente, onde o humano apreende primordialmente a realidade fundamento, e sente que o apreendido como real na inteligência realmente é Deus. Nisso consiste o radical da experiência mística. (Sente Deus, e sente que o atualizado na inteligência senciente é deificante, e o que deifica o humano é Jesus

⁷ “El problema teologal del hombre”.

⁸ “... que se trata de movernos dentro de un análisis de la realidad humana en cuanto tal, con vistas al problema de Dios”.

Cristo, a pessoa do Filho pelo Espírito Santo – aqui está a experiência mística na liturgia – Cristo é a máxima manifestação de Deus possível para o humano).

3.1 Atualização de Cristo no Mistério Pascal

Ao sentir Cristo intelectivamente Ele fica atualizado na inteligência senciente. Cristo está todo atualizado. Isso significa que todo Seu mistério está atualizado com Ele. É inconcebível atualizar Cristo sem Seu mistério. Valeriano Costa constata que “A obra da salvação está tão intrinsecamente ligada a Jesus, que o acesso a ela se dá somente pela associação à Pessoa do Verbo encarnado”. (2012, p. 8). Nesta perspectiva entendemos o dito da liturgia, que é uma atualização do Mistério Pascal de Cristo. É bom recorrer a Giraudou quando assinala que,

a expressão “... em meu memorial” não significa “... para evocar minha presença”. Essa interpretação não se justifica nem mesmo quando se queira falar da presença dinâmica de Cristo à Igreja de todos os tempos. O significado de nossa expressão só pode ser: “...em memorial de mim morto e ressuscitado”, “...em memorial de minha morte e ressurreição”. (2014, p. 182).

O fazer memória do Mistério Pascal não consiste em lembrança, saudosismo ou alguma coisa parecida, é atualização. Atualizar é estar presente realmente o Mistério de Cristo sentido desde si mesmo, em seu caráter *de seu*. Estar realmente presente; atualizar é trazer presente o Mistério Pascal. Celebrar este Mistério não é uma simulação, recordação, aniversário, mas estar presente em atualidade, fazer atual no aqui e agora da História da Salvação.

Finalmente podemos dizer que o humano experiencia a dimensão mística da liturgia pela inteligência senciente. Graças a esse caráter humano, possibilita-o de apreender impressivamente a realidade de Cristo que está presente na liturgia transcendentalmente nas coisas reais, e assim Ele fica atualizado como real desde si mesmo com todo Seu Mistério. Quando o celebrante dá-se-conta daquilo que já está, então diz: é realmente Deus que está – é o momento do êxtase místico; é possuído por essa Realidade Fundamento e coloca-se em marcha nos desdobramentos ulteriores buscando conhece-lo e entende-lo. Nestes atos ulteriores os efeitos na vida do Cristão são contundentes. É o que veremos a seguir.

3.2 Quais efeitos na vida do cristão em seus atos diários?

No contexto litúrgico acontece que, após celebrar e sentir intelectivamente a realidade de Jesus Cristo que já está presente numa experiência mística, mas primariamente em forma de notícia, o humano é levado a desdobrar-se no conhecimento cada vez mais dessa realidade como fundamento destas coisas reais sacramentalmente presentes na liturgia. Seguindo essa mesma lógica Valeriano Costa faz os seguintes destaques a respeito da liturgia: “Não se vai à liturgia da Igreja para se estudar, mas para simplesmente acatar a presença da Trindade, que se nos apresenta por meio dos ritos e preces. [...] Uma vez retido na realidade litúrgica [...] os celebrantes são remetidos ao logos e à razão” (2017, p. 215). O logos e a razão, fundados na apreensão primordial da realidade, são os desdobramentos para o conhecimento. Os desdobramentos da experiência mística sempre levam a pessoa ao *progresso espiritual* passando pelos seus vários estágios (VIANA, 2015), e ao que São Pedro convida dizendo, “crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2 Pd 3,18).

Conclusão

Apresentar sobre a dimensão mística da liturgia no horizonte da metafísica zubiriana nos possibilitou abrir horizontes ainda mais profundos, percebendo caminhos para reflexões futuras com muito mais precisão e aprofundamento na questão. Como toda inteligência é aberta e toda realidade é dinâmica, seria ingenuidade de nossa parte dizer que tudo está exposto nestas brevíssimas páginas a respeito de tal assunto. Isso porque, enquanto nosso foco principal foi na primeira parte da trilogia da inteligência senciente, que descreve a análise rigorosa do primeiro e mais radical ato humano no processo do conhecimento, que a apreensão primordial da realidade graças ao caráter de inteligência senciente, ainda fica faltando dois passos a mais para descrever e seus desdobramentos, uma análise desta mesma questão nos atos ulteriores do *logos* e *razão*. São perspectivas absolutamente novas, pois são inovadoras as compreensões zubirianas destes desdobramentos. Estas são questões a se pensar.

Mas queríamos apenas constatar como há uma realidade grandiosa no ato celebrativo da liturgia que a pessoa humana é capaz de acessar pela inteligência senciente. E como as consequências desse acesso pode ser transformadora na vida de quem celebra e se deixa afetar

por tal realidade. E se há uma dimensão do cristianismo que precisa de resgate, é a mística. É o deixar-se levar pela realidade de Jesus Cristo ao ponto de identificar-se, unir-se com Ele, para que Ele seja tudo em todos.

Referências

- A BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição revisada e ampliada. 5. impr. São Paulo: Paulus, 2002.
- AUGÉ, M. *Liturgia: Historia, Celebración, Teología, Espiritualidad*. Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1995.
- BECKHÄUSER, A. *Os Fundamentos da Sagrada Liturgia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.
- CARUANA, E., Liturgia. In: BORRIELLO, L. CARUANA, E. DEL GENIO, M. R. SUFFI, N. (dir.). *Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus/ Loyola, 2003.
- CESCON, E. A “Trilogia teologal” de Xavier Zubiri: contribuições e problemas abertos. In: *The Xavier Zubiri Review*, Washington, v. 9, 2007, p. 111-130.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia. Roma: 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 22 set. 2023.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual. Roma: 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 22 set. 2023.
- COSTA, V. dos Santos. *Noções teológicas de liturgia*. 2 ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2012.
- _____. Inteligência senciente e liturgia. In: *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, ano XXV, n. 90, jul/dez 2017.
- GONÇALVES, J. M. F. A via da religação no pensamento de Xavier Zubiri. In: *Revista Filosófica de Coimbra*, Coimbra v. 6, n. 12, out. 1997, p. 315-380.
- LONGCHAMP, M. Mística. In: LACOSTE, J.-Y. (dir.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas/ Loyola, 2004.
- SPIDLÍK, L. Mística russa. In: BORRIELLO, L. CARUANA, E. DEL GENIO, M. R. SUFFI, N. (dir.). *Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus/ Loyola, 2003.

SUTTER, A. Mística. In: ANCILLI, E. (org.). *Dicionário de Espiritualidade*. v. 2. São Paulo: Loyola/ Paulinas, 2012.

VIANA, W. C. *O Progresso Espiritual: do estágio arcaico ao místico*. Teresina: Livraria e Editora Nova Aliança, 2015.

ZUBIRI, X. *Sobre la Esencia*. Madrid: Alianza Editorial/ Sociedad de Estudios y Publicaciones. 1985.

_____. *Natureza, História, Deus*. São Paulo: É Realizações, 2010.

_____. *Inteligência e Realidade*. São Paulo: É Realizações, 2011.

_____. *El Hombre y Dios*. Madrid: Alianza Editorial/ Fundación Xavier Zubiri, 2012.